

Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXIV

143

Abril, Maio
e Junho de
2020

CORONAVÍRUS Impacto na Economia Global

SUPERANDO A CRISE

COMPETITIVIDADE PARA A INDÚSTRIA Roteiro para uma Inserção Internacional

ABRINDO NOVOS MERCADOS: ÁSIA China: Crise e Oportunidade Novas fronteiras para o Comércio Exterior do Brasil

SE PREPARANDO PARA OS DESAFIOS O princípio da precaução da OMC e da OCDE

LIÇÕES Liberalização Comercial na América Latina



fundação
centro de estudos
do comércio
exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

2 Editorial

Desafio para as exportações

Miguel Lins

4 Economia Global pós-Covid 19

Impacto do *coronavirus* na Economia Global

Otaviano Canuto

18 Segurança Alimentar

Brasil no mundo pós-Covid: liderança confiável na luta pela segurança alimentar

Pedro Henrique de Souza Netto

22 Turismo e Competitividade

Impacto da Covid-19 no Turismo

Rafael Aloisio Freitas e Lucio Macedo

24 Competitividade para a indústria brasileira

A Agenda Internacional da Indústria 2020

Carlos Eduardo Abijaodi

30 China como vetor de crescimento

Crise e Oportunidade

Luiz Augusto de Castro Neves e Tulio Cariello

36 Novos Mercados

Ásia: novas fronteiras do comércio exterior do Brasil

Thiago Mattos e Maurício Santoro

48 Princípio da Precaução da OMC e da OCDE

O conflito entre Estados Unidos e União Europeia e os desafios para o Brasil

Vera Thorstensen e Catherine Rebouças Mota

64 Liberalização Comercial

Trinta anos de liberalização comercial na América Latina: valeu a pena?

Mauricio Mesquita Moreira

Desafio para as Exportações

O impacto da Covid-19 na saúde humana, e nas finanças em geral, é um evento singular e único na história da humanidade. O simultâneo contágio e difusão do coronavírus por todos os continentes afetou imediatamente as pessoas, os mercados financeiros, e as relações de produção e consumo.

Esta edição da RBCE apresenta um artigo que analisa o impacto do coronavírus na economia mundial. Entretanto, apesar de o artigo mostrar uma análise rica do momento presente, temos de estar atentos aos desafios conjunturais e estruturais que os exportadores brasileiros terão de enfrentar nos próximos meses, incluindo o acesso ao mercado financeiro na obtenção de linhas de *trade finance*. Precisamos apoiar as empresas brasileiras na internacionalização de seus negócios, inclusive aquelas que ainda não entraram na atividade de exportação.

Sem dúvida, o desafio dos exportadores brasileiros no novo normal, será apresentar resultados e lucratividade nas operações; e também inovar, perceber as oportunidades e as ameaças impostas pelo atual ambiente de negócios internacionais. Este ambiente, como apontado pelo Ministério da Economia, mostra que nos primeiros cinco meses de 2020 o crescimento das exportações brasileiras vem se expandindo a taxas superiores à demanda mundial. Isto evidencia que estamos deslocando concorrentes internacionais.

O crescimento das exportações nacionais, em um período de fraca demanda internacional, resulta do ajuste da taxa de câmbio nominal e da decisão do atual governo de abrir a economia nacional. Vale ressaltar que se deve analisar uma abertura multilateral no comércio internacional por meio de pesquisas aprofundadas. Uma recomendação da Funcex, no momento presente, é identificar fontes de financiamento para a realização de pesquisas, como as que foram feitas sobre essa temática nos anos 1980 e 1990. Aliás, esta edição da RBCE apresenta um artigo mostrando como foi importante, há trinta anos, a América Latina abrir sua economia ao mundo.

Ao se abrir uma economia continental como a brasileira, a orientação da Funcex é que empreendedores e empresas se mobilizem para descobrir oportunidades no comércio internacional, mesmo num ambiente de retração generalizada da atividade econômica. De fato, há espaço, agora, para incentivar empresas não exportadoras a se tornarem exportadoras iniciantes, e massificar o treinamento dessas por meio da metodologia de capacitação como a desenvolvida pela CNI, denominada Rota Global. Esse é um primeiro e seguro passo para a internacionalização. As empresas podem contar com ampla gama de serviços de apoio à internacionalização, conforme apontado no artigo sobre a Agenda Internacional da Indústria para 2020.

Há, também, transformações estruturais em curso no mercado internacional que são objeto de vários artigos desta edição da RBCE, como: (i) análise sobre a Ásia como nova fronteira para o comércio exterior brasileiro; (ii) a China como vetor de crescimento; (iii) a liderança nacional como ofertante de alimentos para a segurança alimentar no mundo pós-Covid; e (iv) a competitividade do destino turístico, tendo como pano de fundo a Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro. Por último, há um artigo sobre um tema emergente que estará na mesa de negociação internacional, que é o conceito de precaução em assuntos de meio ambiente, e de medidas fitossanitárias.

Em face dessa variedade de temas expostos nesta edição da RBCE, cabe lembrar que a história do comércio exterior, no Brasil, mostra que, com incentivos apropriados de formação de preços, os exportadores obterão pedidos de exportações. Mas hoje, em tempos de Covid-19, para produzir e embarcar as mercadorias, os exportadores precisarão financiar o ciclo de produção de seus produtos antes de embarcar, ou poderão ter que financiar seus compradores. Haverá, as vezes, a necessidade de financiar simultaneamente tanto a produção exportável, quanto o comprador internacional.

No tocante ao *trade finance*, a Direção da Funcex identifica que o problema a ser enfrentado no momento presente é similar ao observado em 2008, no Brasil, quando as linhas de crédito, cujas fontes eram em moeda estrangeira, ficaram escassas. Hoje, já há sinais de que não há muita disponibilidade de captação internacional dessas linhas. A bem da verdade, ainda existe alguma oferta de fundos para essas linhas, mas o preço oferecido pelas instituições financeiras, localizadas no exterior, é elevado em relação aos padrões históricos praticados. Isto torna a captação desses recursos muito onerosa para ser feita pelos bancos baseados no Brasil, e para serem repassados aos exportadores.

Com a redução das linhas de crédito às exportações, nosso olhar e atenção se voltam para superar o desafio do acesso ao crédito das empresas exportadoras ao Sistema Financeiro Nacional, e para o papel central dos bancos públicos e privados no sentido de

ajudar a romper a atual escassez na área de *trade finance*. Temos de lembrar que uma característica implícita ao sistema financeiro é que ele trabalha, de um lado, sob assimetria e informação incompleta de seus clientes potenciais e efetivos, e, de outro, sob um processo de seleção adversa de projetos de negócios de exportação a serem objeto de financiamento.

Em situações de falta de linhas de *trade finance* em tempos de Covid-19, a Direção da Funcex está atenta ao surgimento de “bolsões de iliquidez” em determinados setores exportadores ou por faixas de porte das empresas, que eventualmente podem gerar situações de inadimplência e falta de performance de exportação. Inclusive, já estamos começando a observar um gradual aumento da tensão na relação entre o exportador e o banco. Isso está ocorrendo quando chega a hora de financiar ou refinarciar as operações dos tradicionais financiamentos de pré e pós-embarques.

Para enfrentar essa situação, como ocorreu em 2008, a Direção da Funcex encaminhou ofício ao Banco Central do Brasil (Bacen) sugerindo utilizar as reservas internacionais em dólares e disponibilizar para que os bancos localizados no Brasil ofereçam financiamento aos exportadores nacionais. Estes, ao longo do seu ciclo de produção, produzem, embarcam as mercadorias, recebem pelas vendas externas e entregam, ao final do ciclo, as divisas obtidas aos bancos comerciais localizados no Brasil, os quais, por sua vez, entregam as divisas obtidas com as exportações ao Bacen, para recompor as reservas internacionais. Esses instrumentos estão ainda em vigor, e são apropriados para enfrentar a atual escassez de linhas externas de financiamento às exportações. Vale lembrar que é preciso que haja liquidez e oferta de financiamento às exportações no sistema financeiro nacional, lastreado em moeda estrangeira, cujos nível e volume dependem de decisão e do novo desenho institucional do Bacen.

Hoje, a Funcex – com a crise de Covid-19 ou não – está buscando soluções para reduzir a assimetria de informações a fim de que bons projetos de exportação sejam apresentados ao sistema financeiro, e financiados. Agora é a hora para incentivar a ideação e a aceleração de negócios internacionais e de *fintechs*, que digitizam o financiamento das exportações.

De um lado, sabemos que anualmente o governo disponibiliza recursos orçamentários para financiar as exportações das pequenas e médias empresas (PMEs) exportadoras. Esses recursos orçamentários não são plenamente utilizados, seja por desconhecimento, seja porque as empresas não sabem como propor, submeter, contatar e gerir uma operação de *trade finance* com recursos públicos.

De outro lado, apesar da dedicação e do apoio das equipes dos bancos oficiais de comércio exterior em identificar potenciais empresas exportadoras, eles acabam esbarrando com o problema de assimetria de informação e seleção adversa de se ter “bons” projetos de exportação. Por exemplo, na Índia já há plataformas que recebem pleitos de financiamento por parte das pequenas e médias empresas. Estas fazem uma análise prévia do pedido com base numa cesta de produtos financeiros. A partir dessa análise, é feito um *rating* facilitando a abertura dos dados das operações empresariais que são difíceis de serem obtidos e revelados pelas empresas. Ou seja, mediante uma plataforma de negócios de financiamento às exportações, busca-se reduzir o problema de assimetria de informação e seleção adversa implícito no acesso ao financiamento às exportações das PMEs.

Por sua vez, a plataforma pode encaminhar os pleitos e negociar com os bancos as condições de acesso eventual ao financiamento. Vale ainda assinalar que a Direção da Funcex recomenda formular uma política de incentivos à constituição de *fintechs* para financiamento às exportações no Brasil. Essas poderiam ser constituídas a partir da estruturação de fundos de investimento, lastreados, por exemplo, por notas de exportação, cédula de produtor rural para exportação, e títulos de *factoring*. Nesses casos haverá supervisão do Bacen e da CVM, quando se aplicar. E, o melhor, é que as PMEs exportadoras terão formas de acesso às exportações, compostas por fontes públicas e privadas.

Para enfrentar um dos pontos críticos das exportações em tempos de Covid-19 estamos expandindo a área de “Consultoria de *trade finance* da Funcex”, em especial na parte de readequação da estrutura de capital de empresas exportadoras e não exportadoras, e de operações estruturadas para *trade finance*, e finanças verdes. De fato, estamos montando, especificamente, metodologia composta por *workshop*, curso e consultoria que permita apoiar preferencialmente *on-line*, ou presencialmente, as empresas exportadoras para que saibam apresentar bons projetos de exportação, e também mostrar dados de crédito *scores* consistentes, para terem maiores condições de acesso aos tradicionais produtos de *trade finance*.

Recomendamos que acompanhem as novidades da Funcex: *workshops* e cursos; Agência de Notícias, as mídias sociais e, sobretudo, continuem a prestigiar a RBCE, que este ano completa 35 anos. Boa Leitura!



Miguel Lins
Vice-presidente da Funcex

Crise e oportunidade: a China como vetor de crescimento



Luiz Augusto de Castro Neves



Tulio Cariello

Luiz Augusto de Castro Neves
é presidente do Conselho Empresarial Brasil-China e
ex-Embaixador do Brasil na China
Tulio Cariello
é coordenador de Análise e Pesquisa do
Conselho Empresarial Brasil-China

O presente artigo é dividido em três partes. A primeira (cujo subtítulo é “A crise”) é, na verdade, uma breve descrição da conjuntura que vivemos e os seus desafios. Menciona as características que prevalecem no momento: transição acelerada para uma nova ordem internacional cujos contornos ainda não estão claros, e recessão econômica agravada pela pandemia do coronavírus, sem que vislumbremos alguma luz no fim do túnel. A segunda parte (intitulada “O comércio bilateral como vetor de crescimento para o Brasil”) apresenta os dados do comércio Brasil-China no primeiro quadrimestre de 2020 e aponta implicitamente para as janelas de oportunidade que a China apresenta, ainda que alerte para a crescente dependência brasileira do mercado chinês. A terceira parte (“A oportunidade”), indica a necessidade de se ter uma visão de longo prazo na elaboração de uma estratégia de relacionamento com a China, de forma que o Brasil possa ter ganhos sustentáveis em linha com as constantes transformações do país asiático.

A CRISE

Vivemos tempos extraordinários, ou, no dizer de um ministro do Supremo, “tempos estranhos”. Desde a crise econômica de 2008, a economia brasileira não conseguiu “decolar” novamente. É bem verdade que o restante do mundo tampouco tem apresentado sinais de recuperação plena, particularmente após a eclosão da pandemia de Covid-19.

Em um mundo globalizado e muito interdependente, e com a inexistência (ainda) de remédios ou vacinas eficazes, a pandemia apresenta resultados devastadores para a vida humana. Como sói acontecer em situações de crise aguda, as contradições são explicitadas e colocadas em evidência, afetando políticas públicas que, numa visão de curto prazo, são percebidas como contraditórias entre si. O isolamento social, e eventualmente a sua versão mais severa conhecida como *lockdown*, medida necessária para preservar vidas e diminuir a velocidade de contágio, é apresentada como inibidora da retomada da atividade econômica e geradora de desemprego, levando à fome e à miséria e, em tese, criando condições mais propícias para o aumento da letalidade da pandemia.

O que se observa, portanto, são duas posições antagônicas no curto prazo, que podem ser qualificadas como uma falácia de composição. Os que dão prioridade à retomada do crescimento econômico admitem implicitamente (ou às vezes explicitamente) que as mortes são inevitáveis (“e daí?”) e que o relançamento da economia criará con-



dições mais favoráveis para a sociedade como um todo. Os que favorecem o isolamento social para preservar vidas humanas arguem que sem uma força de trabalho adequadamente saudável não há como promover a retomada do crescimento em bases sustentáveis. Esse debate adquiriu conotações político-partidárias, transformando-se numa discussão, como diria Mario Henrique Simonsen, com paixão e pouca razão.

Estamos, portanto, a viver tempos extraordinários porque desde 2008 ainda não houve a retomada do crescimento econômico e as reformas estruturais da economia brasileira ainda estão pendentes (salvo a reforma da previdência, que ainda que aprovada não foi totalmente implementada). A economia mundial cresce a taxas muito aquém do desejável para dar dinamismo ao setor exportador brasileiro que, nos últimos anos, tem sido a locomotiva da atividade econômica. Hoje, com a expansão da pandemia, apenas o agronegócio e os retornos financeiros das exportações de minério de ferro fazem jus ao título de locomotiva.

Não bastassem a recessão econômica e a pandemia, temos como pano de fundo uma conjuntura internacional extremamente instável, caracterizada pelo, na prática, relativo abandono dos parâmetros do sistema multilateral de comércio consagrados pelo GATT e sua sucessora, a OMC. Após 2008, vimos o ressurgimento de nacionalismos e do protecionismo como caminhos para lidar

com a crise; o mundo pós-Guerra Fria assistiu ao desaparecimento da União Soviética e dos regimes comunistas no Leste Europeu e, em especial, à ascensão da China como a segunda maior economia mundial e percebida como rival dos Estados Unidos. De uma forma ou de outra, essa conjuntura de ressurgimento do país asiático em meio a uma série de instabilidades e incertezas tem, em grande medida, se mostrado como um fator muito positivo para o Brasil, sobretudo em termos econômicos, com destaque para as relações comerciais.

O COMÉRCIO BILATERAL COMO VETOR DE CRESCIMENTO PARA O BRASIL

De acordo com o Ministério da Economia, a corrente de comércio entre Brasil e China nos quatro primeiros meses de 2020 chegou a aproximadamente US\$ 33 bilhões, valor 3,5% maior do que o verificado no mesmo período do ano anterior. As exportações tiveram acréscimo de 10,9%, tendo atingido US\$ 20,8 bilhões, enquanto as importações apresentaram queda de 7,3%, com montante de US\$ 11,8 bilhões. O saldo entre os dois países foi favorável ao Brasil em US\$ 9 bilhões.

Em análise quantitativa, levando em consideração os embarques em toneladas, o cenário foi semelhante. As exportações brasileiras destinadas à China tiveram acréscimo de aproximadamente 10,3%, tendo atingido cerca de 102 milhões de toneladas. Em direção oposta, as importações brasileiras com origem na China indicaram queda de 6,3%.

Esse cenário pode ser explicado por fatores como as sucessivas crises sanitárias enfrentadas pelo país asiático e os choques causados pelas incertezas sobre a implementação da *phase one* do acordo entre Washington e Pequim, que têm beneficiado produtores brasileiros do setor agroexportador. Por outro lado, a queda nas importações reflete certo arrefecimento da economia brasileira nos primeiros meses do ano, fruto das necessárias medidas de distanciamento social impostas pela pandemia e a natural diminuição da produtividade industrial e de alguns setores da área de serviços.

O peso da China para as exportações brasileiras

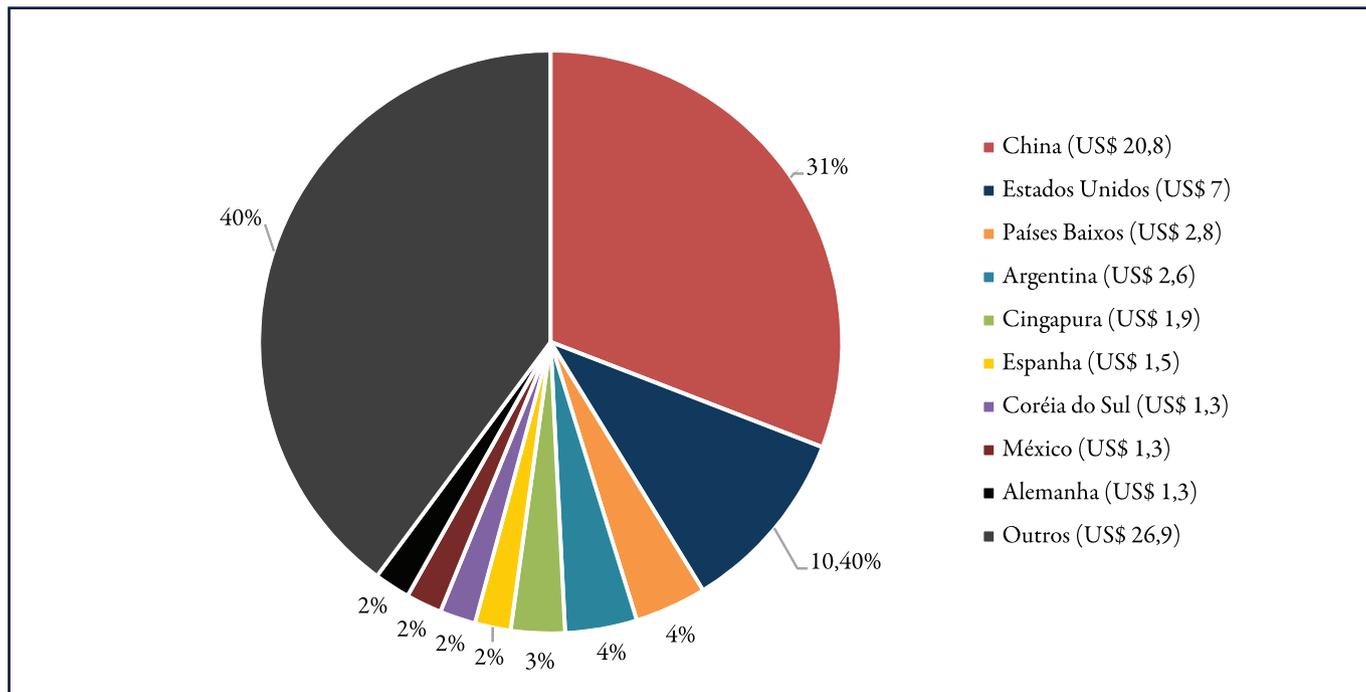
A China segue como principal destino das exportações do Brasil e se mantém como parceiro comercial número um do país, posição que se repete ano após ano desde 2009. No primeiro quadrimestre do ano a China foi

destino de 31% das vendas brasileiras para o mundo, sendo seguida pelos Estados Unidos, que responderam por 10,4% do total exportado.

Nessa esteira, cabe notar que a dependência brasileira do país asiático como destino de exportações se ampliou. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, a Chi-

GRÁFICO 1

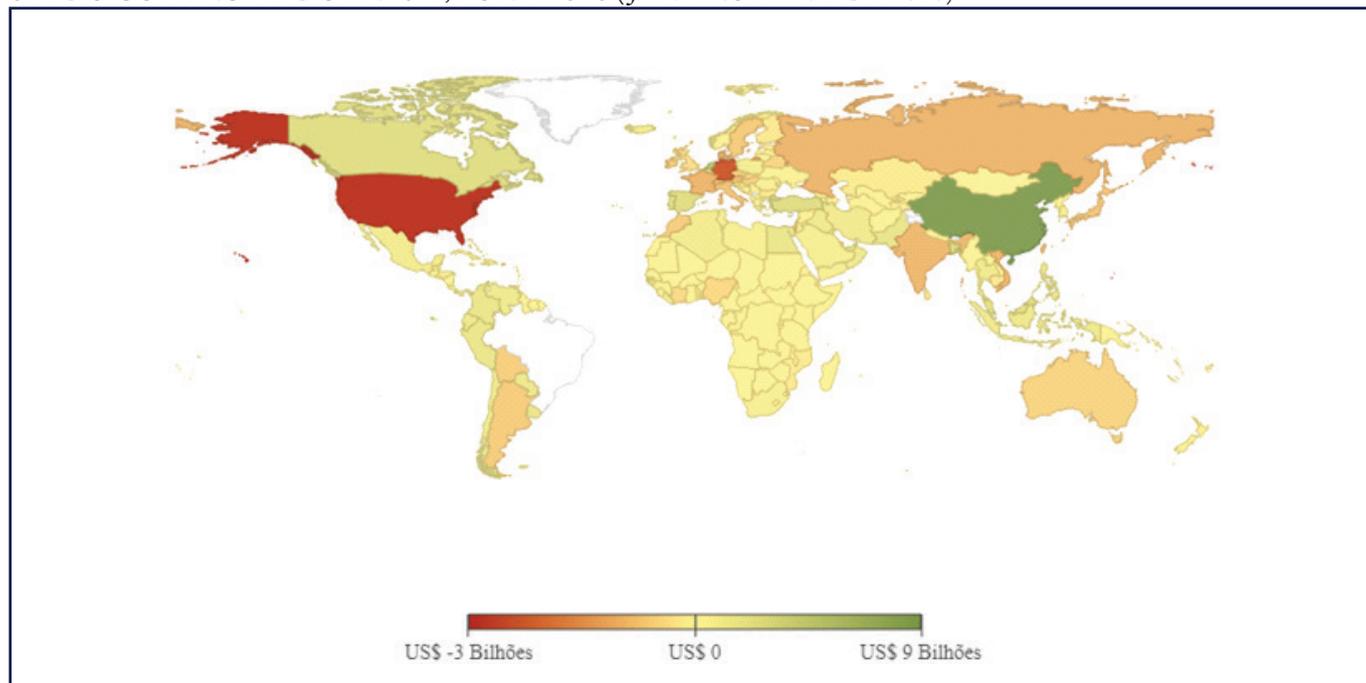
PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ENTRE JANEIRO E ABRIL DE 2020 (US\$ BILHÕES)



Fonte: Ministério da Economia (Comex STAT) | Elaboração: CEBC.

FIGURA 1

SALDO COMERCIAL DO BRASIL, POR PAÍSES (JANEIRO-ABRIL DE 2020)



Fonte: Ministério da Economia (Comex STAT).

na expandiu sua participação, tendo em vista que no primeiro quadrimestre de 2019 o país era destino de 27% das exportações nacionais. Na contramão, os Estados Unidos viram sua participação em declínio, dado que nos quatro primeiros meses do ano anterior o país tinha fatia de 13,1%.

China foi responsável por US\$ 9 bilhões dos US\$ 11,8 bilhões do saldo comercial do Brasil com o mundo

No primeiro quadrimestre de 2020 o Brasil teve superávit geral de US\$ 11,8 bilhões em seu comércio exterior. Desse montante, um saldo de US\$ 9 bilhões veio das transações comerciais com a China. Outros parceiros importantes na corrente comercial brasileira, como Estados Unidos, Argentina e Alemanha, proporcionaram déficits consideráveis ao Brasil, de respectivamente US\$ 3 bilhões, US\$ 133 milhões e US\$ 1,98 bilhão.

Pauta de exportações para a China sustenta o superávit do comércio exterior brasileiro, mas segue concentrada em poucos produtos de baixo valor agregado

Soja, óleos brutos de petróleo e minério de ferro representaram 79% dos retornos financeiros das exportações brasileiras destinadas à China no primeiro quadrimestre de 2020, ainda que tenham indicado resultados mistos em termos de variação.

Em análise por valor exportado, as vendas de soja indicaram aumento de 27%, tendo chegado a US\$ 8,43 bilhões, enquanto os embarques de minério de ferro tiveram acréscimo de 38%, com montante de US\$ 3,88 bilhões. Por outro lado, as vendas de óleos brutos de petróleo tiveram queda de 24%, com retorno financeiro de US\$ 4,19 bilhões. Em toneladas, os embarques de oleaginosas indicaram crescimento de 32% e as vendas de minério de ferro apresentaram aumento de 11%. Em contrapartida, os embarques de petróleo tiveram queda de 16%.

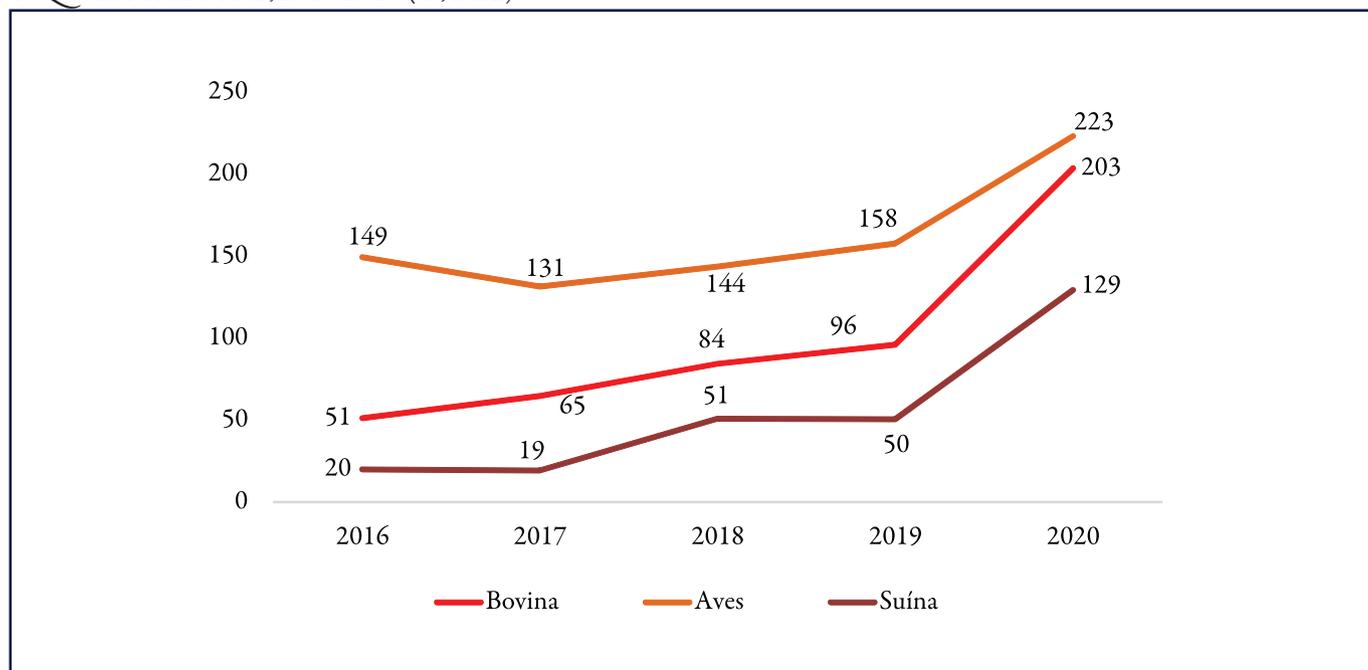
Apesar da imponência de alguns desses números, cabe notar que os três setores dependem fortemente da demanda chinesa. Em análise por valor, no período em questão, a China comprou 73,4% de todas as exportações brasileiras de soja, 62,7% do minério de ferro e pouco mais da metade dos embarques de óleos brutos de petróleo.

Dentre os principais produtos exportados, também se destacaram os embarques de algodão, que indicaram crescimento de 79% em termos de valor, com somatório de US\$ 302 milhões. A quantidade exportada praticamente dobrou na comparação entre os primeiros quadrimestres de 2019 e 2020, tendo chegado a cerca de 191 mil toneladas.

Ainda que motores importantes da pauta exportadora tenham apresentado resultados positivos, como no caso dos

GRÁFICO 2

EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A CHINA NO SETOR DE PROTEÍNA ANIMAL:
1º QUADRIMESTRE, 2016-2020 (T, MIL)



Fonte: Ministério da Economia (Comex STAT) | Elaboração: CEBC.

produtos agrícolas e do minério de ferro, a categoria “outros”, que engloba os demais produtos exportados pelo Brasil, teve quedas, em valor e quantidade, de respectivamente 32% e 49%. Visto que a categoria representou apenas 2,9% das exportações para a China, em termos de valor, essa diminuição do ritmo das vendas não tem grande peso sobre o resultado final das vendas totais, mas pode ser indicativo de que setores com menor representatividade na pauta podem estar passando por dificuldades momentâneas.

Exportações de proteína animal para a China seguem em alta e indicam melhor momento histórico

As três carnes mais exportadas do Brasil para a China – bovina, suína e de aves – somaram parcela de aproximadamente 9% dos retornos financeiros das exportações para o país asiático, representando um mercado de US\$ 1,85 bilhão e tendo experimentado crescimento considerável no primeiro quadrimestre de 2020. Conforme indicado no Gráfico 2, os três itens apresentaram o maior volume exportado para a China nos últimos anos, o que confirma que a crise internacional e os choques de oferta e demanda no cenário global não afetaram negativamente o setor em questão, em análise exclusiva para a relação bilateral.

Entre os primeiros quadrimestres de 2019 e 2020, houve crescimento nas vendas de carnes suína, bovina e de aves, em termos quantitativos, de respectivamente 156%, 112% e 41%. Esse cenário otimista para os frigoríficos brasileiros pode ser explicado por uma paralisação inicial da economia chinesa nos primeiros meses do ano, resultado da epidemia de Covid-19 no país, mas também pela persistência dos efeitos nocivos da Peste Suína Africana, que continua assolando o país asiático e seu entorno.

A OPORTUNIDADE

É esse, enfim, o contexto em que o Brasil vive, em face de desafios e em busca de oportunidades. Pandemias à parte, os desafios que enfrentamos incluem, como já aventado, a retomada do crescimento econômico *em bases sustentáveis*. Nesse contexto, o comércio exterior é, provavelmente, o setor da economia que tem condições de exercer no curto prazo o papel já mencionado, de locomotiva do crescimento. Assim, verificamos que, não obstante a retração da atividade econômica em nível mundial, o desempenho da economia chinesa tem sido (e continua a ser) muito superior ao das demais economias.

Historicamente, crescimentos significativos do produto interno bruto brasileiro coincidiram com períodos de expansão da economia mundial. Assim foi, por exemplo, em épocas mais recentes, na segunda metade das décadas de 1950, 1960 e em meados da primeira década do século XXI. A partir da crise de 2008, com a retração generalizada do crescimento mundial, a importância do comércio com a China para mitigar a recessão brasileira tornou-se mais evidente, como foi evidenciado na segunda parte deste artigo.

Em meio a recessão e pandemia, o comércio entre o Brasil e a China tem apresentado um desempenho moderadamente positivo, sobretudo com o incremento das exportações destinadas ao país asiático. Essa é a essência da oportunidade que se nos apresenta. Cabe assinalar, contudo, que para aproveitá-la em sua plenitude devemos fazer o nosso “dever de casa”, a saber:

- i) realizar as reformas internas que ajudarão a viabilizar a retomada do crescimento em bases sustentáveis; certamente enfrentaremos obstáculos crescentes à exportação de nossos manufaturados;
- ii) a necessária abertura da economia brasileira levará a que alguns setores industriais voltados para o mercado interno defendam o uso de mecanismos de defesa comercial para compensar sua baixa produtividade (a própria China tem feito uso desses mecanismos para penalizar algumas exportações brasileiras); e
- iii) o Brasil precisa aumentar sua competitividade internacional, investindo em infraestrutura e educação, bem como fortalecer o ambiente de negócios (observe-se que a China tem investido significativamente no Brasil).

Em suma, o Brasil precisa refletir melhor sobre o peso e a importância de nossa relação com a China com um olhar de longo prazo. É preciso examinar cuidadosamente os objetivos estratégicos e planos de desenvolvimento da China para identificar pontos de convergência e levar a nossa parceria a um patamar mais elevado. A China é hoje uma economia de mercado, ainda que sob forte dirigismo estatal. Essa circunstância faz com que o papel do governo brasileiro seja fundamental para, com o setor privado, delinear uma estratégia de longo prazo para as nossas relações com a China (e com o leste da Ásia em geral) tendo em mente aspectos geopolíticos e objetivos econômicos concretos.